

J.O. de Meira Penna

Na Revista Brasileira de Economia foi há tempos publicado um artigo em que se alegava haver sido Adam Smith traduzido pela primeira vez em português por Cláudio Manuel da Costa. A tradução teria contribuído para a condenação do Inconfidente. Ignoro se o fato é historicamente confirmado.

O melhor que se sabe é que coube a José da Silva Lisboa, visconde de Cairu, em sua obra "Princípios de Economia Política" (1804), a iniciativa de divulgação em nossa terra das teorias do grande economista escocês.

De qualquer forma, passaram-se 30 anos antes que a *Wealth of Nations* tenha exercido alguma influência sobre a mentalidade de uma elite intelectual e política tradicionalmente debruçada, não sobre a liberdade, mas sobre o papel paternalista do Estado na economia e na cultura.

Hoje, com o triunfo planetário do Liberalismo e o colapso final do Socialismo, o máximo que talvez possamos esperar, neste País cheio de encantos mil e obstinados conservadores, é que, daqui a outros 30 anos, os reacionários de carteirinha do PT, PSB, PSDB, PMDB, PC do B, CNB do B et cetera, assim como de todas as inúmeras e imponentes corporações de ofício, se tenham, finalmente, convertido ou sido depositados,

sem grandes lágrimas, gritos e ranger de dentes, no caixão de lixo da história.

Cairu foi o filósofo da abertura dos portos. Os portos e aeroportos, contudo, nunca foram até hoje definitivamente abertos — a não ser, ocasionalmente, para amigos de presidentes da República, jogadores de futebol e *tutti quanti* privilegiados por uma interpretação muito especial do princípio de isonomia. Um curto período de leve aragem liberal soprou durante o Império: investimentos britânicos, o início da imigração européia, a construção da infra-estrutura de transporte ferroviário, a Abolição e o esforço singular do barão de Mauá, pouco mais.

O País ainda era demasiadamente agrário e sua estrutura social escravocrata sustentada no Mercantilismo, para esperar um desenvolvimento estimulado pela iniciativa privada. Mais de cem anos depois, ainda esperamos nossa revolução liberal capitalista. A Constituição ainda é estatizante, em que pese a terrível ambiguidade de seu artigo 170, que ninguém nunca leu. Os empresários, que são a ponta de lança do desenvolvimento, continuam sendo denunciados como egoístas, sonegadores e corruptos pelas mais altas autoridades — num esforço evidente para desviar a atenção do distinto público da corrupção e sonegação que de al-

to a baixo consome a kleptocracia política e burocrática.

Os termos **lucro, interesse, capital, mercado, dinheiro** etc. — tudo enfim que significa uma opção preferencial pela *Wealth of Nations*, é visto com suspeição. A mentira deslavada, o preconceito e a ignorância dominam os argumentos de uma economia política

**Talvez seja
preciso
esperar cem
anos para
que
a babaquice
desta Nação
paupérrima
seja
finalmente
superada**

republicana. S.Ex.a fala agora no "fim do triunfalismo neoliberal". Ora bolas! Outro é do pseudo frei Betto, que usa sua teologia de analfabeto do primeiro grau para

alegar que, se Deus criou o mundo, foi o diabo que criou o mercado — argumentando que o Brasil está colocado socialmente atrás da Bostwana, porque privatizou estatais (duas dúzias delas, num universo de quinhentas!).

Um terceiro é de um barbudo concretista lusitano, de nome Mele e Castro, com a cara alucinada do velho sebastianista descrito pelo Eça em *As Cidades e as Serras*, o qual descobriu ser o "neoliberalismo capitalista" responsável pela falta de criatividade na literatura moderna. Para dizer a tolice foi recebido com todas as honras na USP e publicou meia página numa das folhas mais conservadoras do País! A lista poderia prosseguir. Interminável.

Antonio Paim já discutii, semana passada, esse jogo semântico/ideológico inosso com o termo neoliberal. Não me prolongarei. Coitados de Adam Smith, Cláudio Manuel da Costa, Cairu e Mauá — talvez ainda tenhamos que esperar 100 anos para que a babaquice desta nação paupérrima ("povo pobre é povo burro", já proclamava Gilberto Amado em frase antológica) seja finalmente superada por uma abertura final dos portos cerebrinos...

■ J. O. de Meira Penna é embaixador e escritor